

### NOVEMBRO

#### Tempo de lamber as crias e alimentar o futuro

O auge da primavera é verde e molhado em todos os biomas do Centro-Sul do Brasil. Nas matas, nos campos e cerrados, muitas espécies de mamíferos e aves cuidam de garantir a sobrevivência das crias, numa intensa atividade de caça ou coleta de alimentos. Camuflados ou bem escondidos, a maioria dos filhotes ainda espera nas tocas, ninhos e abrigos até ter forças para acompanhar os pais ou arriscar os primeiros vôos solo. Nos mangues, o verde escuro das árvores contrasta com as asas brancas das garças, que por esta época ganham um contorno azul nos olhos e penas especiais de acasalamento, sinal de que os hormônios estão a todo vapor. Nas matas de galerias, inúmeros cantos se misturam ao som do vento, que às vezes chega violento e afeta a vegetação das bordas. Nas zonas rural e urbana, onde o homem já transformou a paisagem natural, florescem e frutificam as jabuticabeiras (*Myrciaria cauliflora*). Apesar de serem nativas, elas são cultivadas em larga escala, sobretudo no interior de São Paulo e Minas Gerais, onde já existe até aluguel de árvores nos quintais, uma nova modalidade de turismo que aproveita o fato de as jabuticabas serem muito mais saborosas quando degustadas “no pé”.

ERNESTO DE SOUZA/REUTERS



*Myrciaria cauliflora*



AURANO GAMBERINI

*Felis concolor*

#### Pequenos aprendizes

Relativamente perto das moradias dos homens, mas quase sempre fora do alcance dos olhos, os filhotes de suçuaranas (*Felis concolor*) nascem em ninhadas de um a três, com pintas castanhas para ficarem mais bem escondidos de eventuais predadores. Embora não tenham uma época do ano muito definida para dar cria, as onças pardas tendem a seguir a regra geral dos mamíferos e se reproduzir na primavera/verão. De hábitos solitários e quase exclusivamente noturnos, as pardas só saem em pequenos grupos no período em que a mãe ensina os filhotes a caçarem. Estes logo perdem as pintas, mas só deixarão de ser aprendizes quando estiverem perto da maturidade sexual, com cerca de um ano e meio. Então serão obrigados a procurar o próprio território. As fêmeas às vezes permanecem em áreas próximas ou mesmo sobrepostas. Já os machos terão que andar mais, para se instalar onde não existam concorrentes, do contrário terão que disputar o território ou não conseguirão estabelecer descendência.

## Pés na água

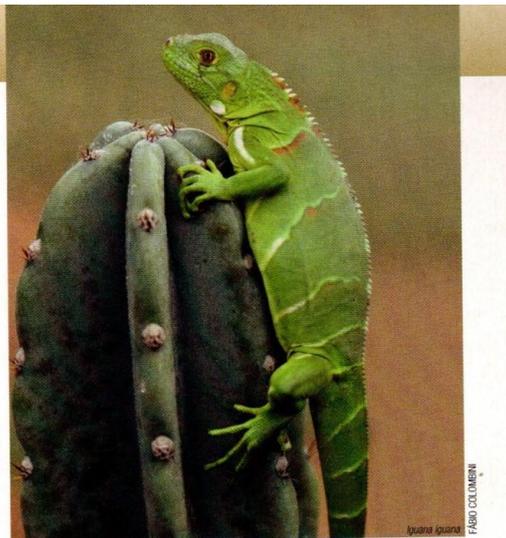
Sempre com as raízes na água, frutificam os buritis (*Mauritia vinnifera*), palmeiras que chegam a ter 15 metros de altura e são marca registrada das veredas, que cortam os cerrados. Os frutos têm cerca de 5 cm e uma casca marrom, com escamas, que parece encerada. A polpa é muito apreciada por maritacas, periquitos e jandaías, além de ser consumida pelos homens, in natura ou transformada em doces e geléias. A fartura desse e outros frutos do cerrado facilita o trabalho dos caais de psitacídeos, como a jan-

daia-coroinha (*Aratinga aurea*), que alimenta os filhotes com frutos e sementes quebrados e regurgitados. Essas aves fazem ninhos - e botam sempre três ovos - em cupinzeiros localizados a meia altura nas árvores, geralmente a 1,5 metro do chão. Os filhotes são muito dependentes dos cuidados dos pais e, por isso, raramente sobrevivem em cativeiro, embora os traficantes insistam em comercializá-los ilegalmente e já tenham promovido verdadeiros massacres entre as populações do Centro-Oeste.

## Navegar é preciso

Para os pescadores, está aberta a temporada da pesca oceânica, costeira e de praia: é hora de se voltar para os mais de 8 mil km de litoral brasileiro. De novembro a fevereiro, a corrente do mar azul, de águas mais quentes, aproxima-se da costa, trazendo os peixes chamados oceânicos, como o marlin branco, marlin azul e dourados. Estes aparecem desde o litoral catarinense até o extremo norte da Bahia. Em alto mar, é época também de grandes atuns, cavalas e olhetes. Nos estuários, a vez é do robalo e da pescada. Mesmo quem vive

numa grande cidade, como São Paulo, tem opções a menos de 200 km: em Guarujá, a pesca costeira pode render peixes-espada e, na vizinha Bertioga, a pescaria nos canais pode reservar uma pescada-amarela ou um robalo-flecha de bom tamanho. E basta subir nos costões para atrair badejos e outros peixes menores. Já para os peixes de rio, nesta época só há opções acima da linha do Equador, nos rios do Amapá ou de Roraima, que desde outubro estão baixando, e onde não é tempo de piracema, como no resto do Brasil.



## Exceção à regra

Novembro só não é tempo de reprodução na caatinga nordestina, onde as chuvas chegam bem mais tarde, lá para janeiro. Devido à seca e ao calor, muitos répteis e anfíbios restringem ao máximo sua atividade, à espera das águas. Uma das poucas exceções é o sinimbu ou iguana (*Iguana iguana*), que habita preferencialmente as margens de rios perenes, onde sempre sobram algumas folhas verdes para satisfazer sua dieta basicamente vegetariana. Com ampla distribuição entre o México e o Paraguai, esses lagartos preferem andar pelas copas das árvores, descendo de vez em quando para tomar sol. Põem cerca de 50 ovos em ninhos cavados no chão, dos quais apenas 3 a 10 filhotes chegarão à idade adulta. A maior ameaça à sua sobrevivência, hoje, é a perda de habitat, seguida do tráfico para alimentar o comércio de mascotes.

## Colheita saborosa

Na Amazônia, a fauna agora se reúne em torno dos troncos eretos dos taperebás (*Spodia lutea*), árvore comum nos barrancos mais firmes, junto às várzeas. Os frutos - amarelos, pequenos e abundantes - são disputados entre os mais diversos mamíferos e aves, que ajudam a disseminar suas sementes. Ribeirinhos também fazem sua festa ao pé da árvore, aproveitando a demanda crescente de polpa para fabricação de sucos, vinhos e sorvetes. E o cultivo comercial de taperebá começa a se firmar como uma alternativa ao extrativismo. Em todos os casos, porém, a colheita é feita no chão, pois a árvore é alta demais - 20 a 25 metros - para o acesso direto à copa.

LIANA JOHN E MARAÍSA RIBEIRO